

UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DA EDUCAÇÃO FEMINISTA

Fernanda Mocki Colombo (PIC/CNPq/UEM), Caroline Pintinha Miotto (PIC/CNPq/UEM), Carolina Laurenti (Orientadora), e-mail: claurenti@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas / Maringá

Psicologia/Fundamentos e Medidas da Psicologia

Palavras-chave: Análise do comportamento, análise funcional, educação feminista.

Resumo:

Esta pesquisa teórico-conceitual objetivou compreender uma proposta de educação feminista pela perspectiva analítico-comportamental, baseando-se nos livros: *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* de bell hooks, *Para educar crianças feministas: um manifesto* de Chimamanda Adichie, e *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola* de Daniela Auad. Tais obras foram examinadas pelo procedimento: 1) elucidação de conceitos centrais da pesquisa (feminismo, gênero, educação) na visão de cada autora; 2) análise funcional das propostas presentes nas obras; 3) ponderações sobre compatibilidades e complementaridades com preceitos comportamentalistas radicais. Com base nos resultados obtidos, tem-se que educação feminista é aquela que identifica desigualdades de gênero e delinea formas concretas rumo a um projeto de sociedade feminista. Ela se apresenta no âmbito das relações interpessoais e institucionais, e precisa ser integrada ao projeto político do feminismo, pois este é um movimento revolucionário que objetiva findar relações sexistas. A análise funcional aplicada às propostas demonstrou ações que podem ser úteis ao projeto feminista, como não diferenciar atividades entre meninas e meninos; estabelecer condições para que ambos tenham as mesmas oportunidades; discutir situações preconceituosas, bem como mudanças nos currículos escolares, na formação de professores, nos livros didáticos e a concorrência com veículos midiáticos que propagam estereótipos e despolitizam conceitos feministas. Concluiu-se que a educação feminista é compatível com pressupostos do comportamentalismo radical, pois, sendo antiessencialistas, acreditam na possibilidade de alterações nos comportamentos e práticas e veem a educação como um meio para isso.

Introdução

A Análise do Comportamento brasileira tem produzido nas últimas décadas estudos sistemáticos a respeito de possíveis interfaces com o feminismo. Compatibilidades entre as teorias já foram apontadas no âmbito da interlocução entre as teorias, a exemplo da importância que ambas dão ao contexto na análise das ações humanas, negando explicações essencialistas.

A educação é um campo de interesse da Análise do Comportamento, que dispõe de ferramentas conceituais que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Skinner (1972), ensinar é acelerar a aprendizagem, o que é feito por meio da manipulação das contingências de reforçamento, caracterizadas pela situação em que um dado tipo de ação ocorre, a própria ação e as consequências dessa ação (SKINNER, 1972). A identificação e descrição de tais contingências são o principal objetivo da análise funcional, entendida por Matos (1999, p. 14) como "[...] uma análise das contingências responsáveis por um comportamento ou por mudanças nesse comportamento". Considerando que os comportamentos e práticas sexistas são mantidos pela forma como os sujeitos são educados com relação ao gênero, entende-se que, com base numa educação feminista, práticas sociais sexistas podem ser alteradas.

A despeito do potencial apresentado por uma discussão entre teoria analítico-comportamental e a educação feminista, propostas educacionais feministas não foram analisadas por uma ótica comportamentalista radical. Seguindo a tendência de estudos em Análise do Comportamento no Brasil, que busca ampliar as aproximações entre essa abordagem e o feminismo, como compreender a proposta de uma educação feminista de uma perspectiva analítico-comportamental?

Materiais e Métodos

Foi realizada uma pesquisa de natureza teórico-conceitual, cujas fontes foram três livros acerca da educação feminista: *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* de bell hooks (2018), *Para educar crianças feministas: um manifesto* de Chimamanda Adichie (2017) e *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola* de Daniela Auad (2020).

O procedimento geral para a análise dos livros teve início com uma leitura de familiarização total com a obra, que embasou tópicos iniciais resumindo os principais pontos do livro e elucidando os conceitos centrais da pesquisa presentes em cada um. Para isso, foi elaborado um conjunto de questões norteadoras da leitura, com base nos conceitos de feminismo, gênero e educação, além da identificação de eventuais compatibilidades e complementaridades com a teoria analítico-comportamental e a identificação das propostas ao longo da obra. A análise funcional foi então aplicada a cada proposta encontrada, baseando-se nos termos da tríplice contingência e nos efeitos de tais contingências para a construção social de gênero. Isso foi feito por meio de quadros e textos, seguida de uma síntese interpretativa dos dados obtidos. Por fim, realizou-se ponderações acerca das afinidades e complementaridades com preceitos do comportamentalismo radical.

Resultados e Discussão

Cada obra analisada possui especificidades que contribuíram para a definição de educação feminista desta pesquisa. O livro de Auad é voltado ao contexto escolar e ela indica a coeducação como uma ferramenta de mudanças nas relações de gênero na escola, definindo o termo como uma política educacional que propõe

deliberações a serem instaladas nos sistemas de ensino e na rotina escolar. A obra de Adichie, por sua vez, se volta ao contexto familiar, já que seu público-alvo são cuidadores que buscam criar seus filhos de uma perspectiva feminista. As propostas perpassam por temas relacionados à divisão igualitária de tarefas domésticas, temáticas a serem abordadas, comportamentos a serem incentivados, e outros. Já a última obra, de hooks, contempla diversas instâncias caras ao feminismo, inclusive o contexto acadêmico, o qual não foi examinado nas outras obras.

Sendo assim, a junção de tais obras permite a elaboração de um conceito de educação feminista mais abrangente. *Educação feminista* é a que contribui para a identificação das diferentes expressões das desigualdades entre gêneros, como a sub-representação feminina nos livros didáticos, a designação desigual de atividades domésticas às mulheres e o tratamento assimétrico com base no gênero na academia. A explicitação dessas discrepâncias deve pautar o delineamento de formas de relação e organização sociais que enfraqueçam a ordem patriarcal de gênero e ofereçam modelos concretos para construir modos de vida compatíveis com a igualdade. Exemplos na prática seriam educadores e cuidadores não diferenciarem atividades entre meninas e meninos, estabelecerem condições para que ambos tenham as mesmas oportunidades, não favorecerem grupos com base no gênero, discutirem situações de preconceito, e outros. A análise gendrada dessas interações cotidianas deve ser entrelaçada com análises das instituições (como a religião, o governo e a educação), porque elas são uma das grandes perpetuadoras do sexismo. Assim, é preciso inserir mudanças nos currículos escolares, na formação de professores, nos livros didáticos, bem como concorrer com veículos midiáticos que propagam estereótipos de gênero e despolitizam conceitos feministas. Esses âmbitos precisam ser integrados ao projeto político do feminismo, visto que este é um movimento revolucionário que objetiva findar com as relações de opressão sexista.

Buscando responder como compreender essa proposta de uma perspectiva analítico-comportamental, pode-se considerar que as relações interpessoais seriam marcadas pelas contingências de reforçamento presentes na interação cotidiana entre as pessoas. Nas propostas, observou-se indicações como o reforçamento de ações compatíveis com o feminismo, o manejo de contextos em que essas ações são mais prováveis, a explicitação de variáveis que controlam comportamentos indesejáveis e como alterá-las, entre outros. Já as instituições são observadas como agências controladoras, designadas a manipular conjuntos de variáveis particulares com melhor organização e efetividade no controle social do que o grupo não institucionalizado. Por isso, a importância de se considerar o papel das práticas dessas instituições na construção e manutenção de desigualdades de gênero.

Dadas as análises, concluiu-se que a proposta de educação feminista é compatível com os pressupostos teóricos do comportamentalismo radical, pois, sendo antiessencialistas, acreditam na possibilidade de alterações no comportamento e veem a educação como meio de alterar ações e práticas que mantêm o sistema patriarcal. Ainda, esses campos podem se complementar: estudos em educação analítico-comportamentais podem considerar vieses de gênero em suas análises, bem como as implicações políticas de suas práticas. Estratégias de educação

feminista, por sua vez, podem ser enriquecidas com as ferramentas conceituais da Análise do Comportamento que auxiliam na explicitação de controles sociais opressivos, além de pautar o desenvolvimento de propostas educacionais que fomentem a aprendizagem de comportamentos favoráveis à igualdade.

Conclusões

A temática da educação poderia ser mais um campo que apresenta afinidades entre as teorias analítico-comportamental e feminista, portanto, novos estudos acerca desta interlocução podem ser desenvolvidos. Isso também porque uma limitação encontrada por esta pesquisa foi a quantidade de materiais sobre o tema, pois ainda há poucas obras sobre propostas concretas de educação feminista, bem como trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

Agradecimentos

Agradecemos especialmente nossa orientadora Profa. Dra. Carolina Laurenti, que nos auxiliou não só no processo de construção desta pesquisa, mas no desenvolvimento de novas oportunidades de aprendizagem. Agradecemos também aos amigos e familiares que nos apoiaram durante o projeto de Iniciação Científica.

Referências

AUAD, D. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 3, p. 8-18, 1999.

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino**. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: EDUSP, 1972.